

A "PERSPECTIVA REGIONALISTA"

Nº 03

de São Paulo do Sul

25/01/99

ITANHAÉM - MONOGRAFIA CULTURAL



* Anchieta, o 1º a estudar os manguezais !

* Painéis de Azulejos de Nossa História;

* O incêndio do Convento - Emygdio de Souza !

* Persiste glorioso o Gabinete de Leitura (1938) cujo acervo
fôra lançado no mangue, ao climadas Revoluções de 1930-32
e da Guerra Mundial de 35-45... Desde então, desolado.

Mas solicitado, o Poeta Paulo Bonfim obteve doações e
ITANHAÉM BRASIL 500 ANOS
restaurou a Biblioteca, agora sediada à Rua Cunha Moreira.



Capela do Parque Sapucaitava, em memória à Campanha de Escolares pela Paz Mundial, através
de Cartões Postais. A iniciativa teve êxito e movimentos paralelos nos E.E.U.U. e Europa.
Na entrada do Parque São Francisco de Assis. ECO-PAZ Humanismo e Pacifismo ONG (Zwarg)

APELO

Paulo Bomfim

...Mas deixai-me poetar
Em nome dos que não sonham,
Dos que calçam desespero
Em percursos cotidianos,
Dos que cruzam confluências
Com pára-brisas de tédio,
Dos fugitivos, nos bares,
Dos vencidos que se amam,
Dos inocentes que esperam.

...Mas deixai-me poetar
Neste esvair sem sentido
Com palavras indomadas,
Ou com vocábulos mansos.

*Paulo Bomfim*

-Que eu cante a vida que passa
E os destinos sem destino
-Que eu cubra de redondilhas
As damas da madrugada,
E meus versos sejam potros
Onde as crianças galopem,
Lona de circo estelante
Vestindo a fome do mundo,
Valsa-brisa em realejo
Na esquina dos desencontros.

Sei da lógica das máquinas,
Das avenidas neuróticas,
Do roubo das alvoradas
E dos anjos que se matam.
Sou feito de tudo e nada

...Mas deixai-me poetar

Paulo Bomfim!

Certidão Legendária de Nilo Soares Ferreira

Poeta Maior, de Itanhaém

(Os Índios - As Naus - A Aldeia - A Vila - A Capitania - O Planalto - Epopeia !)

Minha Terra

*A minha Itanhaém é um escrínio sagrado
Onde se guarda a fé - o róseo diamante -
Que Abarebebe descobriu na alma tupi
E Nóbrega burlou e Anchieta engastou
Além da Serra Azul, na azul Piratininga
Irradiando a luz...*

*Descobrimo o Brasil...
Minha Terra surgiu de um impulso viril...*

*Foi o Tupiniquim daqui, de Tapirema
Que ensaiou e ensinou a paz com Cunhambebe
O tamboi-Caim, instrumento de incêrnis...
Foi aqui que aportou o bergantim dourado
Trazendo o gloriol do Seráfico de Assis,
A ternura, a doçura, o amor reverberado
Na beleza da vida, a beleza dos céus...*

*Minha Terra estancou entre os homens e Deuses...
Foi daqui que saiu a bandeira do Sonho
Nos primeiros clarões do dealbar da História...
Foi daqui que partiu a Esperança sorrindo
Na doce inspiração que enriquece o planalto...
Aqui, as gerações se esmeraram na arte
A pintura, a poesia, a música bendita...*

*Sentimento que vem como sopro divino
E depois, lá se vai, em perfume, no alto...*

Minha Terra evocou o eterno sobressalto

*O eterno vai e vem das ondas nos costões,
O eterno desfolhar, nas praias dos sendaís...*

*Minha Terra é um poema em notas musicais
Cantando a imensidão, magnífica, do mar;
Declamando a amplidão beatífica do azul;
Desfolhando a ilusão de uma flor venturosa...*

*A minha Itanhaém é tela primorosa,
Explendente de luz em vivo delirante...*

*Aquela serra azul é um traço no infinito
Limitando, talvez, a profusão da cor
Em pinchos e borões pelas várzeas afora...*

*Minha Terra ao gemer dos sinos à tardinha
É a mais doce emoção que de Deus se avizinha.*

Terra da Promissão

Vinha descalço, cansado
E, com o cesto pesado,
Quase nem podia andar
Perguntei, então menino,
O que trazes p'ra vender?
Quero comprar, tenho fome,
E não tenho o que comer.

Ele olhou-me admirado.
Olhou meu carro quebrado,
Encostado no barranco,
Sorriu e disse: pois não
E pondo o cesto no chão
Mostrou-me tudo o que tinha,
Que dava para um fartão.



Camarão seco, palmito,
Um naco de peixe frito
E frutas em profusão...
Banana, cajú, pitangas,
Goiabas, laranjas, mangas
Espigas de milho verde
Batata doce, cará,
E ainda um cacho de indaiá.

E enquanto os petiscos eu devorava
O pequenino sem me olhar cantava
Uma singela e singular canção
Falava na riqueza de sua terra
Na água fresca que descia a serra
Regando os bananais descendo pró grotão

Nos mantos de arrozais que se estendiam
Nos goiabais que a muitos enriqueciam
Nos vastos palmitais...
E do pescado fresco prateado
Das rêdes cheias de camarões rosados
Duma fartura que eu não vi jamais
-Mas, quem és tú? Falei admirada
E donde vens a pé por esta estrada
Que aqui nesta fartura vives na pobreza?
Eu?. Não me conheces? Não te levo a mal
Meu dia chegará, tenho certeza...
Eu sou ...o Litoral.
PEDRINHA- (Cymodocéa Rocha Zwarg)

*Um Retorno da Fartura nos exige, - da Zona Rural, a Plena Ventura das Lavouras de
Subsistência, contida de vez, da Monocultura, a inconsciência!
Marcha a Oeste ! Para Itanhaém fazer jûz ao Terceiro Milênio.*

SONETO XIII

Ruas morrendo em mim subitamente
Calçadas vêm descendo o meu destino,
Com casas onde sinto que termino
Na chuva dos beirais de antigamente

Passos pisam de leve minha mente,
Alma das tardes longas, voz de sino
Entre lajes de sol onde germino
Dos gritos silenciosos da semente.

Ruas morrendo em mim, cheias de infância.
Árvores mortas com raízes na alma,
Deitando folhas verdes na distância...

E, à noite, este infinito que ainda medra:
A voz dos passos numa esquina calma,
A serenata nos violões de pedra.

Paulo Bomfim

O homem do
realejo procura
consolar a
Martim Afonso
que se sente
afrontado por
uma banca de
sorvete
que deveria ser
transferida a
outro ponto.
22 de Abril já se
aproxima!
A Secretária da
Cultura está
diligenciando
nesse sentido.



A FORÇA DA MULHER



Nestes inícios do Século XXI quando as mulheres vêm sendo mais compreendidas e valorizadas, - esta Monografia, programa corresponder a esse crescimento obtido com denodo, lhes destacando presença e trabalho. No plano do Estado, Assembléia Legislativa, destacamos a vitória conjunta de Maria Lúcia Prandi, Mariângela Duarte e Telma de Souza.

Em Itanhaém Spasia Albertina Bechelli (23/05/36) Foi responsável pelo Poder Executivo; Vereadoras: Carlina Santos Riti (1952/1955), Zulmira Fortes Gatto (1956/1959), Josiane Maria Caetano (Secretária Municipal da Saúde), Alicia Freijo Rodriguez (Secretária Municipal Administrativa), Ivelize Salles Padovan V. Carrasco (Secretária da Educação e Cultura) e Maria Eugênia da Silva Presidente da Câmara Municipal.



O REISADO DE ITANHAÉM

O Incêndio

Emygdio De Souza

Correio do litoral
de 11 de abril de 1915.

Com a extinção da Capitania de Itanhaém, que passou de novo para São Vicente e com o êxodo da maior parte dos seus habitantes para o interior, atraídos pela fama da descoberta das minas de ouro e de pedras preciosas, os frades existentes também sentiram a decadência com a diminuição da renda do Convento, o que os levou por sua vez a retirarem-se para outros lugares onde pudessem ser melhor amparados. Assim pois, no ano de 1.833, só existia no convento um único frade, Frei Manoel de Santa Perpétua, e que viera na companhia de três escravos, Pedro Antônio e Roque. O frade, além das obrigações sacerdotais, exercia o cargo de professor particular (não havia escola pública nessa época) lecionando do meio dia em diante, tanto a menores como a adultos, percebendo uma gratificação mensal paga pelos pais dos alunos. Isto porém não podia satisfazer a vida atribulada do frade que, idoso e doentio, julgava-se desprezado ou esquecido pelos seus superiores, e, portanto, a morrer naquele soturno Mosteiro, d'antes cheio de vida. O que escrevo não é fantasia e nem suposição, mas sim o que, na minha infância, ouvi contarem os velhos itanhaenses, inclusive os meus avós, que prestaram seus serviços na extinção do incêndio. Costumava o frade, nos sábados depois da aula, mandar seus alunos adultos, das seis às sete, afugentar os morcegos e suindaras que infestavam a sala do trono e a capela-mor, utilizando-se eles de varas, talos verdes de folhas de bananeiras e de ramos, auxiliados pelos escravos.

Foi no dia 22 de março de 1.833 que, seguindo o costumado, depois de encerrada a aula, o frade mandou os alunos procederem à faxina, dando caça aos morcegos. Porém, desta vez, usou, propositadamente, ou não, de outro imprudente processo: durante a aula ele havia mandado, pelos escravos, "archotes", com folhas secas de bananeiras, amarradas em varas e, com esses acesos, os alunos, inconscientemente atacavam os lugares escuros, desde a Sala de Trono, até a capela-mor, onde se ocultavam os intrusos animais. É preciso notar que o madeiramento que fora empregado nas construções dos forros, trono e assoalho, há mais de um século, se achavam ressecados e carcomidos pelo cupim: com frestas de podridões e outras falhas onde o fogo dos archotes ou tochas encontraram convulsíveis para propagar-se. Depois de terminada a "caçada", os escravos procederam à limpeza habitual, porém não a fizeram com a exigida atenção, nos pontos referidos e isso, foi a origem da catástrofe que destruiu o primeiro templo construído no Brasil, sob a invocação da Virgem Da Conceição!.....

Seria pouco mais de dez horas (vinte e duas atualmente), já tinha batido no sino da matriz o toque de silêncio e poucas pessoas ainda estavam nas ruas conversando, quando foram surpreendidas pelo toque de alarme do sino do Convento.

As primeiras "olhadas" foram dirigidas para o mar a procura de algumas luzes milagrosas como d'antes acontecido, mas logo foram desviadas pelos gritos angustiosos que partiam do largo da Matriz 'Fogo no Convento!.....Está pegando fogo!.....' "Em menos de uma hora organiza-se uma grande procissão rumo ao Convento: de todas as casas saíam correndo homens, mulheres e crianças, conduzindo potes, latas, panelas todo o vasilhame de que dispunham para carregar água que era tirada das fontes da Casinha 'Itaguira' e de poços particulares, existentes no 'caminho de baixo', outros corriam pelo caminho do 'Rabelo' e 'Mãe Benta', em cujas fontes a água era mais abundante, dirigindo-se todos com as vasilhas cheias pelas ladeiras do convento e no pátio eram entregues aos destemidos homens que lutavam para salvar do fogo as imagens

e outros objetos de valor do culto religioso. Essa perigosa batalha e a romaria dos carregadores d'água só findou madrugada, quando o fogo não achou mais o que destruir do vasto edifício, deixando para perpetuarem a sua obra as paredes enegrecidas, que resistiram à fúria do elemento destruidor !. O incêndio atingiu a tais proporções que as labaredas se elevaram a altura calculada a mais de cinquenta metros, e o clarão do mesmo foi observado no litoral até o canto dos Itatins e Itaipú. Contava minha avó e outras pessoas que tomaram parte nos trabalhos dessa trágica noite, que as imagens que traziam intactas, salvas do incêndio eram colocadas sobre uma mesa em frente ao Cruzeiro, e ali, com velas acesas as pessoas que não podiam prestar socorro pela idade ou por invalidez, erguiam suas preces, cantando ladainhas e outras orações à Virgem Mãe do Redentor, implorando a sua proteção aos que lutavam pela salvação da igreja.

Diversos fatos presenciados nesta noite, e no dia seguinte, foram atribuídos a verdadeiros milagres, destacando-se os seguintes que julgo serem dignos de nota: O velho escravo Roque, apesar da sua avançada idade [mais de oitenta anos] foi que ajudou o sargento Mariano a retirar no nicho, circundado do fogo, a sagrada imagem de Nossa Senhora e fez questão de conduzi-la sem ajuda de outra pessoa até embaixo, no cruzeiro, onde a colocou sobre a mesa prostrando-se em seguida a seus pés, chorando e agradecendo tão elevada graça. As referidas pessoas que ali se achavam ficaram surpreendidas com esse ato de grande fé e amor que o velho escravo tinha na sua excelsa Senhora, em cujas sagradas faces se viam correr suores cristalinos que orvalhavam a toalha do improvisado altar!... Não tendo ocorrido um só acidente entre tantas pessoas que, com verdadeiro heroísmo e intimides enfrentaram a fúria do elemento destruidor, arrancando nichos e altares, e tudo o que era de valor, causou também admiração no povo em geral o milagroso fato de pela manhã, terem encontrado todas as fontes e poços que tinham deixado secos à noite, cheios a transbordar do precioso líquido!...

No Tabor Itanhaense

*Convento secular, velho convento
De minha terra, meu rincão praieiro...
Quanta coisa me vem ao pensamento
Quando te vejo em cima desse outeiro...*

*Vetusto, magnífico, imponente,
Suspenso sob o céu, cheio de glória,
Apontando na página presente,
A história do Brasil, a tua História...*

*Contigo me transponho tempo afóra
-Sob o clarão do olhar dessa Senhora
Que vive em tua eterna evocação...*

*E vou de geração em geração,
E vou subindo aos páramos divinos
Ao badalar sândono de teus sinos...*

Nilo Soares Ferreira

Palavras ao Mar

*Enfim te torno a ver, ô mar, meu velho amigo
que revelas de Deus a esplêndida grandeza !
Todo o meu ser de poeta eu sinto estar contigo,
sonhando junto a ti um sonho de beleza.*

*Conheço-te tão bem: no entanto, não consi
dominar essa estranha e fúlgida surpres
que, de novo, me causa o teu encanto antigo
que tem o esplendor de catedral acesa...*

*Ô mar, que vens beijar a praia, levemente,
depois, másculo e forte a abraças derrepente,
no intenso turbilhão das ondas sem descanso...*

*Eu te amo, ô velho mar, insondável arcano !
És misterioso como o coração humano,
És belo como o ideal, que eu tanto busco e não alcanço.*

Colombina (Yde S. Blumenstein)

PADRE NOSSO EM TUPI - NHEENGATU !

NHANÊ RUBA

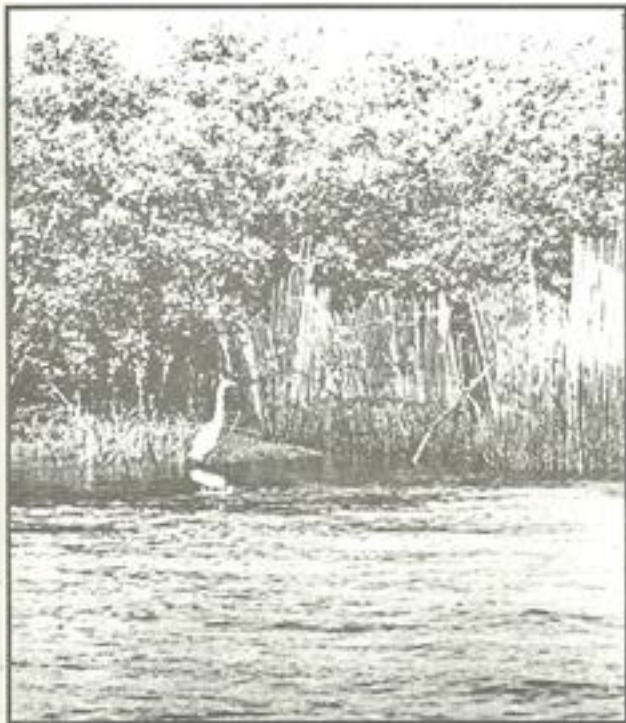
NHANÊ RUBA - OIK'P UAHÃ
IVAKA OPE;
NE RÊRA OÛMVTÊ TOIKÔ,
REMEHÊ IANÊ ARÂMA
IVAKÃ, MANÊ, REIKO,
NÊ, REMIMOTÂRA TOUMUNHÃ
IVAPAKAPÊ, IVIRE, IVIPE;
REMEHÊ, OIII IANÊ ARÂMA,
IANÊ REMIU ARÃ IEPÊ IEPÊ
CUIVARA;
REMEHÊ NE IRON IANÊ
ANGAIPÁVA RECÊ, MAIA VÊIA
MEHÊ CURI IANÊ IRON AITA
CUPE, INTI OMUNILÃNA CATU
UAHÃ IANÊ ARÂMA;
INTI REXARI, IANÊ JARA
IAHONAR PUXI MAHÃ ITA
REPICIRU IANÊ OPÃI MAHÃ
AYUACUI AMEN JESUS.



D. Pedro II obteve em Roma, cópia
manuscrita de canções que os
meninos cantavam em São Paulo !
- Nheengatu - Língua da gente,
também traduzida na Amazônia,
pelo padre Simões de Carvalho



Coral de Escolares na Cerimônia Itanhaém - Brasil 500 Anos



A ORAÇÃO A NOSSA SENHORA
LENDAS DA ORIGEM DA VIDA
E CANTIGA DE AMOR

A ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

O VIRGEM MARIA
TURAN CY ÉTE
ABA PE ARA PORÁ
DICO ENDE YABÉ...

LENDAS DAS ORIGENS

YPIRUNGAVA RAMÉ
INTIMAHÁ PITUNA
ARA ANHUM OPAIN
ARE OPE
(NO PRINCÍPIO NÃO
HAVIA NOITE; HAVIA
SOMENTE DIA EM TODO
TEMPO)

PITUNA OKERI DIKÔ
YWIPE
(A NOITE DORMIA NO
FUNDO DAS ÁGUAS)

CANTIGA DE AMOR

IXÊ, MAN, GUIRÁ MIRIMI
XÁ REKÔ, MAN, CE PEPOI
XÁ BEBÊ NE RAKAGUERA
XÁ PUAMA NE REKÔ
(SE EU FOSSE UM PASSARINHO!
O QUEM ME DERA!
EU TERIA MINHAS ASAS
VOARIA NO TEU ENCALÇO
E ME ERGUERIA AO PÉ DE VÓS)

Em Piratininga, hoje São Paulo!
O Padre Anchieta foi professor
de Latim e depois da Língua Tupi,
falada então pelos Paulistas.

Excerdos do livro O SELVAGEN
do GENERAL COUTO DE
MAGALHÃES
1935 - Editora Nacional



Barco de Navegação Turística do empresário Guilherme Freijo.
A Chave de Ouro que nos abriu a "Amazônia-Pantanal" dos Rios de Itanhaém

ITANHAÉM - BRASIL 500 ANOS



O MAR

*Pela ponte de espuma
 chegaste.
 Ignoro o além da praia,
 O mundo que te gerou;
 Se surgiste do seio do dia
 Ou do grito da noite.
 Reconheço-me apenas
 No coral das unhas e da boca,
 Nos olhos líquidos
 na trança de sargaço.
 Sei que flutuas em mim
 E teu corpo veste-se
 De vozes;
 No entanto,
 Regressarás ao mundo de areias brancas.
 E meu murmúrio será sal,
 Brilhando em teus cabelos.*

HOMENAGEM AO POETA PAULO BOMFIM



Foto do Hotel Spadoni, depois João Farah, Washington Luiz o frequentava.

Gabinete de Leitura

O Gabinete de Leitura foi o orgulho de Itanhaém, durante muitos anos. Para os leitores formarem melhor idéia e não julgarem que a iniciativa ficou na construção e alguns livros, apresento os seguintes dados, extraídos do relatório de 1.896: - Existiam na biblioteca, 1043 volumes impressos; 10 manuscritos (obras de grande valor); 12 mapas; até a elaboração do relatório, a frequência fora de 5.277 pessoas; Consultadas pelos leitores 748 obras diversas. Eram sócios contribuintes, 165. Apresentava a Sociedade aos frequentadores, 18 jornais, sendo 5 por assinaturas e 13 enviados graciosamente, além dos Diários Oficiais do Estado e União. A partir daquela data a biblioteca continuou a receber donativos, o mais das vezes de obras de renome. Pessoas ilustres que visitavam esta cidade se entusiasmavam ante a inesperada realização, sem dúvida surpreendente em cidade tão pequena e numa época em que tudo era tão difícil, particularmente em relação à cultura. No livro de Visitantes da Sociedade, constava o nome de pessoas de alta posição social ilustres da época.

Viagem Maravilhosa

*Férias, sol, praias, descanso
Da ponte Pênsil o balanço
Divaga o nosso pensar...
A estrada reta, asfaltada
Que termina na enseada
Toda banhada do mar...*

*E o ônibus correndo
Vai na areia estendendo
Duas fitas, par a par.*

*E a praia vai-se perdendo
E o pensamento cedendo
O lugar à fantasia
A batida nos segue
A gaivota, o voo leve
O sabor da maresia.*

*E o ônibus fegindo
O sulco vem nos seguindo
Tentando nos alcançar*



*Barcos de pesca rodeiam
Grandes redes que bloqueiam
Trazendo peixe a faltar...
E crianças descuidadas
Brincam na areia, molhadas
D'um fresco banho de mar.*

*E o ônibus vai rodando
E as ondas vão procurando
O nosso rasto apagar*

*Curvam-se as fitas; adeus praia
Ervas baixas, samambaias
Vê-se o Mosteiro também
E o ônibus buzinando
A todos vai avisando
Chegamos a Itanhaém.*

*Pedrinha
(C. Zwarg)*

Características Físicas do mangue

Os primeiros trabalhos de referência aos manguezais, identificam o Padre Jesuíta José de Anchieta, como pioneiro dessa descrição: em 1560)

Denomina-se manguezal, à comunidade que se estabelece ao longo da zona costeira exposta aos processos transacionais do ambiente marinho, estuário e laguna, com alternância de inundações derivadas da atuação das marés e regime Mizoalino.

Essas associações vegetais vêm sendo mencionados em escritos leigos e científicos, desde o início da história da colonização do território Brasileiro.

Os primeiros trabalhos de referência aos manguezais identificam o Padre Jesuíta José de Anchieta como pioneiro dessa descrição já em 1560, seguindo-se Maregraf de Leibstad & Piso, por observações realizadas como naturalista em 1648. As espécies que caracterizam os bosques de mangue, sempre se destacam nas crônicas sobre as terras do novo mundo, por sua paisagem característica, bastante diferenciada demais ecossistemas florestais do ambiente transacional ou costeiro. De características fortemente marcadas, pela SALINIZAÇÃO DO SUBSTRATO.

Tais formações abrigam espécies vegetais altamente especializadas, de morfologia singular e fisiologia compatibilizada às alternâncias do ingresso das águas estuarinas, envolvendo seus troncos e sistema radicular, por períodos de duração variável. O substrato de composição orgânica predominante, dá origem à produção de gases e material particulado, responsável pela manutenção de um número muito grande de microorganismos que indicam a cadeia alimentar, que enriquece as águas estuarinas, garantindo o desenvolvimento de espécies de peixes (alevinos) e crustáceos, que ocorrem sobre a plataforma continental brasileira.

O fluxo e refluxo da água em um estuário, determinado pelas marés, ondas e correntes, é responsável pela reciclagem parcial dos nutrientes minerais e dos compostos orgânicos, sendo suporte para os organismos estuários, de tal forma que os mesmos podem aproveitar a energia solar e tornar esta unidade costeira, mais produtiva que as adjacentes.

Em ambiente de baixa energia e batimetria reduzida, a acumulação de detritos orgânicos e argilosos de clima quente e úmido, de fase interglacial, desenvolvem um substrato apropriado, à distribuição das espécies vegetais resistentes a salinidade

MANGUE ALTERADO

Apresentando modificações estruturais de caráter total ou parcial, pela instalação de caminhos ou estradas, construções ou aterros e mesmo, atividade agrícola ou de aquicultura.

A textura e tonalidade se fazem dependentes da diversidade do efeito de alteração, sobre as condições naturais.

MATA COSTEIRA

Uniformemente estruturada, destaca textura grosseira de tonalidade mais escura do que aquela apresentada, pelo mangue denso baixo, sem gradientes altimétricos representativos, por sua diversidade no porte dos indivíduos.

BANCO DE LODO

Periférico aos bancos de SPARTINA ou franja externa apresentando morfologia compatível ao escoamento das águas pelos processos de correntes de marés, dispõe de textura extremamente homogênea, variando sua tonalidade em função da concentração de matéria orgânica LIXIVIADA, nas proximidades dos canais e mesmo pela imersão gradual dos sedimentos, com o mergulho dos bancos.

Transtectos e quadrantes, são excelentes auxiliares na organização da verdade terrestre necessária a comprovação dos parâmetros considerados, na fotointerpretação, de acordo com observações efetuadas em Hiez (1988) e conclusões referidas em Chapman (1984) Hamilton & Snedaker (1984) e Cintoni et Al (1978).

Muitos fatores interagem nas propriedades físicas do ambiente halófito da zona entre marés, refletindo-se na estrutura e morfologia botânica, responsáveis por feições geomorfológicas de superfícies derivadas da ação de componentes hidrometeorológicos, em seu ritmo sazonal cumulativo, (Manguezais do Brasil - pag.35)

Processamento digital de imagens multiespectrais (Manguezais do Brasil - pag.39) .. destaca necessidade de conhecimento, sobre a estrutura física dos ecossistemas de manguezais (Hiez & Machado - Gornati 1984) ..

O livro Manguezais do Brasil, serviu de base ao estudo e elaboração do Projeto de Aquicultura de Itanhaém.

A indiscutível importância do mar decorre apenas da larga proporção em que ele cobre a superfície do globo terrestre, mas também da riqueza orgânica e inorgânica que o caracteriza. Bepço provável de toda a atividade biológica da Terra, o mar conservou no tempo seu primado sobre o solo emerso, também no que tange à exuberância de vida.

Se no passado e no presente, o mar exerce relevante papel na vida dos povos, é quase certo que no futuro, esse papel crescerá de importância, e se ligará fundamentalmente, à própria subsistência e sobrevivência do homem.

Aspectos particulares da Rhizophora mangle adulta que frequentemente ocorre no sistema estuário lagunar, evidenciando sua sustentação radicular, sobre sedimento inconsolidado, de alto teor orgânico em maré vazante.

Nota-se que a posição dessa espécie, com respeito à zonação, frequentemente está associada à franja externa dos ecossistemas. A funcionalidade de cada unidade, implica na acumulação diferenciada da biomassa e no desenvolvimento de microestruturas

de escoamento superficial, que se juntam a um canal principal, designado de gamboa.

Segundo Schmidt (1988), o termo gamboa (canal) substitui a palavra francesa marigot, usada por Besnard em 1950 para descrever os canais de água salobra que entrecortam as regiões. Machado (1950), descreveu os marigots como canais de água salobra, em débito próprio, formados pelas águas do estuário, na maré enchente.

Por essa razão o componente hídrico altera-se em função da produção orgânica, promovendo alterações na distribuição das espécies, pela progressão dinâmica de microtopografia do substrato, originado pela mistura de componentes inorgânicos, a massa orgânica em processo de oxidação constante.

Aspectos particulares dessa dinâmica, produzem cenários de múltipla constituição, que podem ser identificados, segundo alguns padrões característicos, pela organização das estruturas internas dos ecossistemas.

Nas particularidades geomorfológicas associadas à dispersão das associações de mangues encontram-se as principais combinações, que destacam a organização fisiográfica de franjas, pressões, bacia, ilhotas, ribeirinha, rede e anã (Lugo & Snedaker 1974).

Posteriormente essa classificação foi modificada, passando-se a considerar apenas três tipos de bosque: Franja, Ribeirinha e Bacia (Cintrón & Schaeffer - Novelli, 1984).

A partir dessa estruturação variada, surgem os padrões de distribuição, com associações diversas e até predominância de uma só espécie, estabelecendo identidades morfométricas intrínsecas à distribuição e morfologia, dos indivíduos dependentes, dos elementos de ordem física que regem os componentes hídricos e do substrato.

Todos os elementos encontrados na estrutura física e biológica dos manguezais integram uma conjuntura de variáveis ambientais, em que se destacam os componentes hidrológicos caracterizados nas marés, deflúvios e correntes que influenciam sua inundação e drenagem (entrada e saída).

Nesse aspecto as alterações encontradas no substrato em presença da água e da sedimentação associada à produtividade foliar, causam diferentes efeitos sobre sua microclimatologia. Cada um dos componentes, segundo propriedades físicas em relação a sua interação com radiação solar, promove circunstâncias de observação, reflexão e transformação de energia, capazes de manter fatores muito próprios de transformação que incidem sobre o condicionamento microclimático dos bosques, especialmente do seu balanço térmico.

Em geral de unidades saturada, os manguezais mantêm temperaturas bastante diferenciadas dos ambientes periféricos, principalmente em relação à mata costeira, que processa e acumula a radiação, de modo próprio, muito distinto ao da floresta atlântica.

Vê-se afirmar que os manguezais em sua funcionalidade "apacitam" o ambiente em superfície de absorção das radiações, especialmente do espectro infravermelho, caracterizando diferentes albedos (Silva 1991).

As temperaturas médias favoráveis ao desenvolvimento das

espécies de mangues ficam entre 20° C, com variação térmica que não excede 05° C.

Segundo Schaeffer-Novelli (1991), as espécies que atingem Santa Catarina (20° C 30° S) São *Avicennia Schaneriana* e *Laguncularia Racemosa*.

As condições microclimáticas dos manguezais alteram-se em relação à latitude e sazonalmente, em função da declinação solar, que provoca mudanças no balanço térmico e na capacidade energética, pela variação no fluxo de radiações incidentes.

Observa-se que a partir das gamboas, no sentido do contato com depósitos arenosos mais antigos, essa estrutura ocorre com a redução gradual da composição orgânica, no substrato que serve de habitat ao mangue.

Normalmente a tolerância das espécies de mangue a salinidade é mantida a variáveis desenvolvendo-se em ambientes onde a concentração de sal, oscila entre 13‰ a 35‰, correspondendo esta última a uma pressão osmótica potencial de 25% (Walter & Lieth 1986).

As chuvas regionais, enchentes, desvio dos rios para manguezais, mesmo não poluídos, exercem uma influência negativa.

Dos arquivos de Paulo Jaskow
(Itanhaém - Bairro Cibratel)
25/06/98



Manguezais Brasileiros; uma bibliografia (1614 - 1986). São Paulo, Instituto Oceanográfico Universidade de São Paulo/ Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista, 1986.

Schaeffer - Novelli, Yara

Pesquisas da Dra. Shaeffer - Novelli sobre Manguezais (CETESB)

Citados já por Anchieta no século XVI, os manguezais brasileiros foram sempre associados a pântanos e infortúnios sociais como a febre amarela que dizimou grande parte da população litorânea do Brasil-Sudeste no século passado. Na verdade, a própria legislação colonial e imperial refuta este preconceito contra os manguezais, pois os governos sempre reconheceram nestas formações importantes funções no ambiente costeiro e na economia nacional. Assim viveram os costumes durante muito tempo às expensas das cascas ricas em tanino das espécies vegetais de mangue; delas se extraiu também, amido, madeiras para fins diversos e outros produtos tradicionais ligados à dieta nativa. Foi todavia no século XX, com o aprimoramento das ciências biológicas e da ecologia, que a importância dos manguezais para os ambientes costeiros e marinhos foi reconhecida. Constatou-se que a cadeia alimentar natural dependia essencialmente das contribuições em matéria orgânica e mineral propiciada por esse sistema, influiu diretamente na vida marinha. Estudos demonstrando este universo extremamente complexo foram desenvolvidos em todo o mundo, o mesmo sucedendo no Brasil, e muitos trabalhos de peso vieram à luz em diversas áreas das ciências naturais.

Provou-se, por outro lado, que a produção primária destes ecossistemas, quando preservados, mantém os níveis de pesca dentro de limites estáveis e que, sendo assim, compete ao poder público cuidar da sua manutenção e estimular toda forma de conhecimento que contribua para um planejamento de conservação e manejo destas formações costeiras. Foi com prazer que tomamos conhecimento dos esforços da Dra. Yara Schaeffer - Novelli, pesquisadora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, vem realizando no sentido de compilar as referências bibliográficas sobre manguezais brasileiros, como parte do Projeto MANGLAR (Convênio n.º 070/10/84 - CIRM/USP).

IVAN CARLOS MAGLIO

Superintendente

Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista

Introdução e referencia a autores de pesquisas e publicações sobre os Manguezais do Brasil :

Como na maioria dos projetos de pesquisa, o Projeto MANGLAR contou entre suas etapas preliminares com o tradicional "levantamento bibliográfico". Assim, uma razoável coletânea de referências, acumuladas anteriormente ao início do Projeto, foi sendo ampliada com o passar dos anos.

O Projeto MANGLAR, ao longo de seu desenvolvimento tem contado com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Comissão Interministerial para os Recursos do Mar - CIRM, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo- IOUSP, além do apoio da UNESCO através de sua Oficina Regional de Ciência e Tecnologia para a América Latina e o Caribe- ROSTALC.

Durante todo este processo foram consultadas obras sobre "bibliografias de manguezais"(Snedaker, SC, 1973 e UNESCO, 1981), de onde foram compiladas muitas referências para complementar aquelas por nós levantadas. O tema MANGUEZAL, a nível de ecossistema, engloba muitos aspectos difíceis de serem abrangidos numa única listagem.

Este tipo de trabalho tenderia a assumir um volume de citações incrivelmente grande, que passaria a ser de difícil divulgação e manuseio.

Seguem-se referências a autores e publicações (52 páginas) constantes de publicação em *Caderno Cultural* da CETESB, em outubro de 1986.



*A expectativa auspiciosa de uma Itanhaém Melhor - 1997-2000, Zuarg
Gráfica Belas Artes - L. R.*





*As armas e os Barões assinalados,
que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Caprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram...*

Luiz Vaz de Camões

